

TURISMO INDÍGENA: HERANÇA E IDENTIDADE CULTURAL DA ETNIA KADIWÉU EM CAMPO GRANDE-MS.

Marta Regina da Silva Melo; Djanires Lageano Neto de Jesus

RESUMO:

O enfoque no Turismo Indígena abordado na pesquisa baseou-se na análise da representatividade da etnia Kadiwéu em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Os estudos foram fundamentados na pesquisa qualitativa, inicialmente por levantamentos bibliográficos e fichamentos, seguidos de um levantamento documental para a identificação de elementos etnográficos; do estudo de oralidade; e da identificação dos principais pontos de propagação da cultura Kadiwéu na capital no período de julho de 2012 a julho de 2013 a partir de uma pesquisa de Iniciação a Pesquisa – PIBIC com recursos da FUNDECT-MS. Os levantamentos bibliográficos e de campo podem corroborar para conciliar ações planejadas que agreguem valores àquela comunidade, sem que inviabilize o seu potencial cultural e legado histórico. O presente estudo tem como objetivo diagnosticar as potencialidades culturais da comunidade indígena Kadiwéu por meio dos elementos patrimoniais, materiais e imateriais para a finalidade turística sustentável.

PALAVRAS-CHAVE: cultura indígena, Kadiwéu, turismo.

RESUMEN:

El enfoque en el turismo indígena abordado en la encuesta se basó en el análisis de la representación de las minorías étnicas Kadiwéu en Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Los estudios se basaron en la investigación cualitativa, en principio con las estadísticas bibliográfico y el mantenimiento de registros, seguido de un estudio documental para identificar elementos etnográficos, el estudio de la oralidad, y la identificación de puntos clave Kadiwéu difusión de la cultura en la capital durante los meses de julio 2012 hasta julio 2013 con financiamiento de la Fundación FUNDECT-MS. El bibliográfica y de campo capaz de dar testimonio para reconciliar las acciones planificadas que agregan valor a la comunidad, no para impedir su potencial legado cultural e histórico. El presente estudio tiene como objetivo diagnosticar el potencial cultural de la comunidad indígena a través Kadiwéu de los activos, tangibles e intangibles para el propósito de un turismo sostenible.

PALABRAS CLAVE: Cultura Indígena, Kadiwéu, Turismo.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo apresentar potencialidades culturais dos povos Kadiwéu, por meio dos seus elementos patrimoniais, materiais e imateriais para a finalidade turística sustentável. É notório que as atividades turísticas, ao mesmo tempo em que estimulam a economia de uma localidade, possam gerar impactos socioculturais na comunidade em que está inserida. Sendo assim, diante dos recursos naturais ou culturais que um espaço possa oferecer, é essencial potencializar um turismo sustentável. Dessa forma, o setor turístico caracteriza-se por um crescimento acelerado em todo o mundo e se utiliza de elementos, como a história e a cultura de um povo para o seu desenvolvimento. Segundo estudos realizados pelo Ministério do Turismo (2011), O turismo vem apresentando resultados positivos nos últimos anos e se consolidando no país, como um importante vetor de desenvolvimento socioeconômico.

O setor turístico percebeu elementos valiosos para fomentar o turismo indígena e o ecoturismo na região Centro-Oeste do Brasil. Assim, Faria (2008) destaca que, tanto o turismo indígena como o ecoturismo indígena convergem na essência, aos objetivos de promover a cultura e trazer melhorias da qualidade de vida nas comunidades envolvidas. Nesse aspecto, as atividades turísticas poderão contribuir na inclusão desses povos por meio de ações diretamente relacionadas ao desenvolvimento socioeconômico, tendo em vista a busca incessante do povo Kadiwéu em manter as suas tradições, não apenas por meio de sua arte, mas também por meio da sua forma de ser e viver.

A característica marcante que individualiza a população Kadiwéu dos demais grupos étnicos é a sua identidade cultural, contudo é necessário resguardá-la para evitar a extinção das suas tradições e costumes ao longo dos tempos. Ainda que as atividades turísticas desenvolvidas na comunidade Kadiwéu possam contribuir para o próprio desenvolvimento econômico, é necessária uma melhor compreensão para a construção de atitudes sustentáveis, uma vez que a mesma possa estar vivenciando privações, em virtude de uma readaptação ao mundo globalizado.

Embora, muitos estudiosos tenham se debruçado nos dados históricos e culturais da Comunidade Kadiwéu, ainda é necessário encontrar uma melhor compreensão da sua cultura e buscar, por meio de práticas sustentáveis, a manutenção das tradições e costumes daquele povo. Nesta direção, desponta a Educação como fator primordial para a divulgação dos conhecimentos e da cultura. Vale destacar que Morin (2000) em seu livro, "Os sete saberes necessários à educação do futuro", aborda a ideia de existir um pro-

blema capital sempre ignorado, o de promover conhecimento capaz de apreender problemas globais e fundamentais para nele inserir os conhecimentos parciais e locais.

É necessária uma ação conjunta para garantir que o legado cultural dos Kadiwéu não se perca e que possa ser difundido a partir de ações locais. Assim, com a atuação da iniciativa pública e privada, os indígenas poderão gerir os próprios recursos. Para tanto, eles vivenciarão, na prática, os desafios reais, com um novo olhar diante dos fenômenos globais.

O espectro de conhecimento envolvidos neste trabalho de pesquisa pode servir como um instrumento valioso para a explanação de marcos teóricos sobre o assunto, dada a sua complexidade e importância aos futuros estudos relacionados à temática indígena.

1 TRADIÇÃO E CULTURA INDÍGENA

Tradição pode ser entendida como a transmissão de fatos culturais de um povo, quer seja de natureza espiritual ou material. Em muitos casos pode ser transmitida por meio dos costumes passados de pais para filhos no decorrer dos tempos, ao sucederem-se as gerações que são imbuídas de um conjunto de ideias, usos, memórias, recordações e símbolos conservados pelo tempo. (JESUS e WENCESLAU, 2011, p. 71).

Os elementos que constituem as tradições indígenas existem, mas sofrem influências nos aspectos culturais, econômicos e sociais. É fundamental enfatizar a existência de interferências de profissionais e instituições, que por sua vez exercem efeitos positivos e negativos, muitas vezes com o intuito de autopromoção. Entretanto, as análises de Grünewald (2001, p. 151) apontam que apesar das mudanças culturais experimentadas, eles continuam a se identificar como população indígena permanecendo unidos, inclusive politicamente, para se impor como grupo étnico.

As modificações de um mundo globalizado impostas a esse povo, ainda não foram suficientes para extinguir sua cultura, uma vez que ela não pode ser descartável e que o processo de aculturação vai além da fusão das culturas. Essa totalidade de características nos distingue ou nos individualiza como nação.

Existem várias definições para a palavra cultura, no entanto a importância de entender o seu significado é essencial. Segundo Grünewald (2001, p. 28), "a cultura não é algo que flui numa única direção." Ainda que a influência do global sobre o local seja abrangente, a composição dessa cultura é intrínseca.

O conceito de cultura é amplo e para Santana (2009, p. 72), pode incluir um conjunto de elementos, tanto observáveis, quanto não observáveis, que são apreendidos e transmitidos de uma geração à outra. A cultura de cada povo os torna diferentes e são essas diferenças que reforça a peculiaridade de um mundo multicultural.

Ribeiro (1995, p. 272) elucida que “a identidade étnica dos brasileiros se explica, tanto pela precocidade da constituição dessa matriz básica de nossa cultura tradicional, como por seu vigor e flexibilidade.” A História da nação brasileira se construiu a partir da evolução das etnias e nessa diversidade, percebe-se o sincretismo cultural que é difundido, o que pode promover a “nova cara do País”.

2 A CULTURA INDÍGENA MARCO REFERENCIAL BRASILEIRO

“O imaginário brasileiro sobre os índios, ainda preso à “história da descoberta” é de colocá-los numa re-
doma puros - imaculados.” (BORGES, 2011).

Desde o descobrimento do Brasil, seguindo os principais ciclos, do pau-brasil, da cana-de-açúcar e do café, às inovações dos dias atuais, a população indígena vem sofrendo com a influência dos exploradores, que vai além da perda da territorialidade, culminando com a extinção de etnias e conseqüentemente das tradições e culturas, que representaram e representam as raízes da nossa nação. Atualmente essa perda de território continua com o avanço do “progresso” e da exploração ilegal de Terras Indígenas (TIs), ora ocupadas por assentamentos, para a promoção da expansão agrícola, ora pela construção de usinas hidrelétricas e de estradas. Heck et al. (2005, p. 247) em seus estudos, intitulado “Amazônia Indígena: conquistas e desafios”, levaram em consideração que:

O problema vai além, e está ligado ao modelo de desenvolvimento que o Estado brasileiro continua adotando não apenas para aquela região, mas para todo o país: um desenvolvimento voltado para atender as necessidades do mercado externo, no qual os recursos naturais sofrem toda a sorte de pressão e no qual as diversidades culturais e étnicas do país são vistas como entrave à expansão dos lucros ou à elevação do saldo da balança comercial.

Esses problemas também fazem parte das transformações ocorridas no Brasil central, dos quais puderam provocar grandes perdas ambientais, desequilíbrio, poluição e até mesmo extinção (*lato sensu*). To-

dos esses fatores corroboraram e podem contribuir para a perda da identidade cultural dos povos indígenas, ao longo do território nacional e atravessando gerações.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIAL E ECONÔMICA DOS POVOS INDÍGENAS

O sistema capitalista do país e o mundo globalizado são fatores que contribuíram para o crescimento dos povos indígenas nas áreas urbanas. Para Ricardo e Ricardo (2011, p. 17), “no Brasil há um mosaico de microssociedades.” Todavia, a perda da territorialidade indígena contribuiu com uma série de dificuldades para a perpetuação dos índios. Grünwald (2001, p. 305) salienta que as “lutas por territórios sempre têm motivado esses índios a se unir cada vez mais em torno de sua etnicidade, onde se valem de sua mais moderna produção cultural para se afirmar como índios”.

Frente às transformações sociais e econômicas pelas quais o Brasil vem atravessando, motivadas principalmente pela globalização, é inegável dizer que tais mudanças por diversas vezes têm causado frustrações, tanto na questão da perda de territorialidade, quanto na questão da saúde física e mental dessa população.

É possível compreender que vivendo em aldeias rurais ou urbanas, a oscilação da população indígena se dá em virtude da extrema vulnerabilidade que esse povo vive atualmente. No contexto, Grünberg (2011, p.685) utiliza-se da seguinte argumentação: a prática indigenista oficial e a presença determinante de empresas agropecuárias, bem como da agroindústria de soja e cana de açúcar no Mato Grosso do Sul, ocasionaram uma situação de penúria e exclusão social agravada pelo racismo crescente. Assim, o último relatório do IBGE, denominado “Indicadores de Desenvolvimento Sustentável - Brasil 2010” aponta que o Estado do Mato Grosso do Sul é um dos maiores quanto ao número da população indígena presente no Brasil. Nessa amplitude de miséria ou não, e de superpopulação, não é de se admirar as transformações vivenciadas pelas comunidades indígenas ao longo dos anos no Brasil e em especial no Estado do Mato Grosso do Sul.

4 O TURISMO INDÍGENA E AS SUAS INTERFACES

As atividades turísticas originaram-se desde os primórdios, dada pela necessidade de realizar viagens e explorar terras desconhecidas, seguindo o seu percurso com as expansões marítimas. Entretanto, ganhou força com o turismo mais organizado, a partir do século XIX, com o advento tecnológico da Revolução Industrial (TRIGO, 2003). Logo, foi a partir deste grande marco que foram conduzidas as transformações de caráter socioeconômico na sociedade em geral.

O turismo é um fenômeno muito complexo, não só por se apresentar quantitativamente como uma das maiores (se não a maior) indústrias do mundo, mas principalmente por uma enorme diversidade de objetivos programáticos, além dos aspectos subjetivos que perpassam todos os relacionamentos envolvidos nas suas múltiplas facetas [...] (GRÜNEWALD, 2003, p. 143).

O conceito de turismo indígena busca como ponto de convergência, o ecoturismo. Mas, vai muito além de ser uma atividade que possa proporcionar prazer, satisfação e encontro com a natureza, por parte de quem visita as aldeias. Muitos aspectos relacionados à sustentabilidade, principalmente quanto ao legado histórico e cultural indígena devem ser levados em consideração. O Ministério do Turismo (2006, p. 17) define Ecoturismo como:

Uma atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações.

Turismo indígena é uma “atividade não convencional, realizada preferencialmente em áreas naturais, onde se pode apreciar, não só a paisagem local, mas também as suas manifestações culturais, já que cada uma das diversas etnias possui uma especificidade sociocultural” (BRITO, 2009, p. 27).

Para Martins e Coutinho (2007, p. 3), o turismo indígena é aquele que é desenvolvido nas terras indígenas ou fora delas, com base na identidade cultural e no controle da gestão pelo grupo/comunidade indígena envolvida. Percebe-se que os autores reúnem elementos que solidificam a definição e de certa forma beneficia essa modalidade que vem ganhando espaço no Brasil.

A seara indígena é repleta de recursos, tanto no aspecto cultural, quanto artístico e natural. Nota-se que muitos visionários almejam mergulhar nesse universo, por diversos fatores. “Não se pode afirmar que o patrimônio cultural deva ser preservado e conservado para que o turismo possa utilizá-lo como elemento de atratividade, [...] mas não se pode descartar a sua utilização como recurso de grande potencial” (BAHL, 2004, p. 51). É fundamental que essa interação seja viável para todos os atores que estão envolvidos nesse processo e de maneira sustentável. Do ponto de vista de Beni (1997, p. 116), o turismo sustentável é muito mais amplo e envolve “o processo racional de exploração dos recursos naturais, histórico-culturais e temático-artificiais”. É oportuno que a sustentabilidade possa estar presente em toda situação, inter-relacionando o material e o imaterial.

Quanto à população indígena e o setor turístico, “tais povos têm extraído condições de garantir sua existência nesse cenário capitalista desigual, utilizando-se também da atividade turística como possibilidade

de revitalização cultural” (LEAL, 2009, p. 243). Por outro lado, ainda que haja entraves nas políticas que fomentem essa atividade, é possível idealizar e executar as ações que possam contribuir para o próprio desenvolvimento socioeconômico.

Na verdade, a existência do turismo em Terras Indígenas já ocorre há algum tempo. De um modo geral, algumas comunidades veem a atividade turística com certo desdém, uma vez que esse setor pode ocasionar inúmeros efeitos para uma região, podendo ser positivos ou negativos. Isso vai depender muito dos envolvidos no processo e da forma com a qual pode ser conduzido. Outras veem como oportunidade de crescimento, realização pessoal, mobilidade social e até mesmo, como uma chance de manter viva a sua cultura.

Alguns exemplos de investimentos no setor têm dado certo e estão representados, a seguir:

4.1 Aldeia Turística na Coroa Vermelha – BA

Os Índios Pataxós podem até ser conhecidos como os “Índios do Descobrimento”, no entanto eles vivenciam como qualquer outra etnia, as dificuldades que o sistema impõe. Mas, diante de uma série de fatores eles escolheram adequar-se às necessidades dos aspectos econômicos. “Os Pataxós da Coroa Vermelha participam anualmente da encenação do Auto do Descobrimento”, da qual “os índios não estão preocupados em forjar um estilo específico para a visitação turística” (GRÜNEWALD, 2001, p. 54-55). O autor deixa evidências de que não há uma indústria turística que os controlem.

4.2 Festival Nacional da Cultura Indígena em Bertioga – SP

Há mais de uma década esse município celebra a cultura indígena por meio de um grandioso evento que retrata as danças, os rituais e as tradições de várias etnias, que se encontram para participarem dos jogos indígenas, cujo lema é: “O Importante é Celebrar e não Competir”. O evento atrai milhares de pessoas e nesse contexto conduz para a revitalização cultural das etnias envolvidas.

Para Ferreira et al. (2008, p. 48) “os jogos não são, portanto, cópias do original dos rituais, das atividades corporais realizadas na aldeia, mas a partir dessas atividades são ressignificados num outro momento e espaço.” Para tanto, os significados expressos são os modos necessários para evidenciar a cultura.

4.4 Festival Yawa (a festa do povo das queixadas) – AC

Os Yawanawa são povos que habitam no município de Tarauacá, no Acre. Mais precisamente na Aldeia Nova Esperança. É um povo que se mantém estável, frente às dificuldades socioculturais do país. É por meio do Festival que eles buscam difundir a sua cultura dentro e fora do Brasil. O evento já acontece a mais de uma década, no mês de outubro.

Em parceria com organizações governamentais e não governamentais, os líderes buscam desenvolver atividades que não provoquem danos ambientais e à cultura. Na compreensão de Moraes (2008, p. 145), "o Yawa, além de contribuir para a autoestima do seu povo, tem se revelado uma grande vitrine da cultura indígena acreana." Nota-se que os líderes da comunidade conduzem as políticas e as atividades turísticas de forma que essa sociedade se torne cada vez mais resistente, num meio capitalista e desigual.

É de fundamental importância saber que os festivais e as manifestações culturais promovidas por diversas etnias, além de impulsionar o turismo indígena, denotam e exprimem a capacidade de gestão e divulgação de suas heranças culturais.

5 CULTURA E TRADIÇÃO KADIWÉU COMO REFERENCIAL INDÍGENA DE MATO GROSSO DO SUL

A origem dos Kadiwéu deriva do Chaco paraguaio e argentino. Eles são remanescentes do tronco linguístico Guaikurú. São conhecidos como "índios cavaleiros" ou "índios guerreiros", essa qualificação se deu decorrente ao domínio da montaria e frequentes participações em guerras com outras etnias, bem como pela resistência estabelecida destes ao procedimento de colonização utilizados pelos espanhóis e portugueses na região da bacia do Paraguai.

A representação da grafia Kadiwéu é escrita de várias formas: Cadiguegodis, Caduveo, Cadiueu, Cadoveu, Kadiwéu. Essa condição se deu tanto pela história, como pelo convívio de não indígenas entre outros fatores. A interculturalidade dos Kadiwéu é difundida por meio da sua produção artístico-cultural, revelando e reafirmando a sua identidade. É por meio da arte que os Kadiwéu obtêm resultados significativos para o fortalecimento dos seus valores e das suas tradições. "A arte Kadiwéu contemporânea encontra sua maior expressão na confecção da cerâmica [...] ela reflete todo um conjunto de valores e tradições do grupo indígena, sem os quais também estaria fadada ao desaparecimento" (SILVA, 2004, p.112).

Toda essa produção evidencia a forma de subsistência dessa cultura, onde a herança cultural, que deve ser transmitida para as próximas gerações, são formas de fortalecer e sustentar esses valores, porque

as culturas advindas de outros povos, muitas das vezes se sobressaem, causando embaraços nas gerações atuais.

É válido ressaltar que o Turismo por ser uma atividade multifacetada, é possível estruturá-lo e expandi-lo de formas sustentáveis. E com essa visão, Irving (2009, p. 108) reforça que:

O fenômeno turístico e o processo de globalização são irreversíveis, e o desafio para um horizonte desejável não mais se traduz na discussão de incompatibilidades e riscos, mas na concepção e desenvolvimento de alternativas criativas e inovadoras de um tipo de turismo que internalize a variável local e as identidades envolvidas como elemento central de planejamento.

A proposta não é apenas experimentar e sim de inovar por meio de um planejamento, em que toda a comunidade seja participante na evolução desse processo. “Trabalhar com o turismo em Terras Indígenas será um dos grandes desafios para todos aqueles envolvidos e preocupados com os destinos dos povos indígenas e de seus ambientes” (GUIMARÃES, 2006, p. 20). Assim, os verdadeiros protagonistas devem gerir os recursos existentes em suas terras.

Em síntese, as atividades turísticas reúnem elementos que interagem diretamente com as relações ambientais e por sua vez, reforçam os impactos que essa função produz. No que concerne, Leal (2009, p. 242) corrobora com a ideia de que os povos indígenas têm pensado na atividade turística como uma alternativa sustentável de desenvolvimento local, empreendida a partir de critérios estabelecidos pelos próprios grupos étnicos.

No tocante, é essencial uma ação conjunta das lideranças, onde a promoção da cultura Kadiwéu possa ser conduzida em bases sólidas, visando a sua sobrevivência.

6 MATERIAIS E MÉTODOS

Os estudos foram fundamentados na pesquisa qualitativa, inicialmente por levantamentos bibliográficos e fichamentos, seguidos de um levantamento documental para a identificação de elementos etnográficos; do estudo de oralidade; e da identificação dos principais pontos de propagação da cultura Kadiwéu em Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul.

A pesquisa qualitativa é adequada para obter conhecimento mais profundo de casos específicos, sendo um processo de coleta e interpretação de dados, de modo interativo durante a investigação (DENC-KER, 2007).

O estudo da oralidade baseou-se na metodologia de entrevista semi-estruturada, a fim de abordar os elementos relativos à identidade cultural Kadiwéu.

As entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal (BONI E QUARESMA, 2005).

O levantamento bibliográfico e de campo foram selecionados a partir de fontes fidedignas que aproximassem o mais possível da realidade dos povos indígenas, de forma interdisciplinar, direta e objetiva.

Os principais pontos de propagação da cultura indígena no município de Campo Grande evidenciaram a dimensão da representatividade Kadiwéu na capital, considerada o portal de entrada do pantanal, cenário geográfico que marca historicamente a representação dessa etnia. A cidade representa uma das principais fontes de dispersão da cultura Kadiwéu e demais etnias do estado de Mato Grosso do Sul. Destacaram-se: o Museu das Culturas Dom Bosco, o Parque das Nações Indígenas, a Feira Central e Turística de Campo Grande, a Casa do Artesão, o Memorial da Cultura Apolônio de Carvalho (Fundação de Cultura), a Praça dos Imigrantes (Feira Permanente de Artesanatos). A influência indígena Sul-mato-grossense é latente, por isso, o grafismo da etnia Kadiwéu está presente em diversos locais da Capital, fazendo parte da ornamentação de residências, no comércio e em centros que evidenciam a cultura.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pesquisas etnográficas e documentais possibilitaram a potencialização da importância para uma melhor compreensão da dinâmica sociocultural das populações tradicionais indígenas e em especial a Kadiwéu. Dentre os pontos destacados, induz que não se pode prever se a atividade turística será uma assertiva positiva para essa comunidade. Assim, se faz necessário experimentar e conseqüentemente empreender e executar as atividades turísticas que podem contribuir para uma autonomia socioeconômica.

A produção artesanal é essencial para a manutenção das tradições culturais indígenas. Destarte, não se deve visualizá-la apenas como uma fonte de renda, pois deve ser valorizada como parte do dinamismo que uma cultura é capaz de produzir. Desse modo, o fomento à exposição desses acervos tende a fortalecer cada vez mais a identidade da etnia Kadiwéu, uma das mais influentes do país.

O estudo da oralidade foi conduzido com a entrevistada Benilda Vergílio, índia Kadiwéu, graduada em Design pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) em Campo Grande, MS. Professora Indígena formada no Curso Normal Médio Indígena Povos do Pantanal, pela Secretária Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul – a qual destacou, de forma expressiva, aspectos relevantes relacionados à temática indígena, que possibilitou uma melhor compreensão quanto à implantação da atividade turística na comunidade Kadiwéu. A entrevistada é líder atuante nas ações de inclusão social e de desenvolvimento cultural da sua etnia. Tem suas origens na Aldeia Alves de Barros e atualmente reside na Aldeia Tomázia, próxima ao município de Bonito, MS.

De acordo com as ponderações da entrevistada, quanto ao turismo indígena Kadiwéu, refletiu e destacou positivamente os aspectos relacionados ao fortalecimento e incentivo na promoção cultural; melhoria de renda para as famílias, valorização ambiental e na revitalização da cultura. Acredita que a cultura do seu povo não está perdida, mas está guardada e que um trabalho responsável poderá favorecer a por em prática essa ação. Ressaltou ainda que o turismo pode contribuir na melhoria da qualidade de vida e no apoio aos jovens. Mencionou que as atividades turísticas podem cooperar e estimular o resgate da cultura, intrínseca nos índios mais antigos. Reforçou que as mulheres mais idosas poderiam repassar os seus conhecimentos para as mais jovens da aldeia.

Ainda por meio da oralidade, tomou-se o depoimento de uma Representação Pública, o Senhor Wantuir Tartari (Diretor do Departamento de Turismo-SEDESC, em 2012) que possibilitou contribuições importantes para a pesquisa. Destacou que as atividades turísticas em terras indígenas somente serão de fato praticadas, se forem com responsabilidade e quando existir mais vontade política. Afirmou que a implantação dessas atividades são viáveis, coerentes e inclusivas. Ainda ressaltou a falta de políticas públicas e programas que envolvam as etnias e que os façam se interessar em fazer parte do processo de gestão participativa, para que os mesmos possam assumir e gerir os locais que divulgam as suas culturas. Assim, apresentarem-se verdadeiramente para os turistas. Ainda, ressaltou a criação de um calendário dinâmico de atividades para esses locais.

Os principais pontos de propagação da cultura indígena no município de Campo Grande evidenciaram a dimensão da representatividade Kadiwéu na capital, considerada o portal de entrada do pantanal, cenário geográfico que marca historicamente a representação dessa etnia. A cidade representa uma das principais fontes de dispersão da cultura Kadiwéu e demais etnias do estado de Mato Grosso do Sul. Destacaram-se: o Museu das Culturas Dom Bosco, o Parque das Nações Indígenas, a Feira Central e Turística de Campo Grande, a Casa do Artesão, o Memorial da Cultura Apolônio de Carvalho (Fundação de Cultura), a Praça dos Imigrantes (Feira Permanente de Artesanatos) e o Aeroporto Internacional de Campo Grande. A

influência indígena no Mato Grosso do Sul é latente, por isso, o grafismo da etnia Kadiwéu está presente em diversos locais da Capital, fazendo parte da ornamentação de residências, no comércio e em centros que evidenciam a cultura.

Ainda como parte desse processo, foi submetido e aceito um resumo técnico-científico expandido, no III Congresso de Natureza, Turismo e Sustentabilidade (CONATUS) que aconteceu no Município de Bonito – MS, de 30 de Junho a 03 de Julho de 2013, intitulado “Turismo Indígena: uma alternativa para a revitalização da cultura Kadiwéu”, cujo enfoque foi a divulgação da cultura Kadiwéu por meio das atividades turísticas sustentáveis.

É oportuno destacar que a sustentabilidade possa estar presente no universo do turismo indígena e divulgação da cultura, inter-relacionando o material e o imaterial, na compreensão de que essas práticas possam proporcionar a prevenção e o sustento da comunidade local, bem como a conservação da cultura e de todos os recursos que favoreçam a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a realidade vivenciada no turismo indígena ainda sofra com os percalços e entrave das políticas públicas, é fundamental transpor os obstáculos e minimizar as deficiências impostas pela falta de incentivo que aflige a comunidade Kadiwéu.

Considerando a dinâmica evolutiva na tradição dos povos, a prática do turismo indígena não se restringe à cultura, materializada e estanque no tempo, uma vez que os povos indígenas acompanham as tendências mundiais de desenvolvimento, não desmerecendo seus valores tradicionais de identidade e alteridade étnica. Isto não se trata, portanto, de questionar sua autenticidade tradicional, pois a própria experiência turística promove, de fato, a prova de intercâmbio intercultural entre o indígena e o não indígena. Tanto faz o indígena estar dentro ou fora do território tradicional, ele levará consigo sua manifestação de identidade e alteridade cultural, inclusive na produção turística em que estiver inserido.

Os estudos a respeito da inserção do turismo em comunidades indígenas não podem constituir elementos isolados, apenas para promover atratividade, mas apontar para perspectivas de conhecimento, tanto para estudantes e profissionais de áreas afins, quanto para a dinâmica de sobrevivência das culturas tradicionais.

Acredita-se que a introdução das atividades turísticas somente terá sucesso se estiverem aliadas às práticas educativas, pois estas se consagram como um instrumento essencial para a evolução desse proces-

so, no qual inclui a condução do conhecimento e conseqüentemente a transformação social dos povos indígenas. Para tanto, é necessário estruturá-las, no saber e fazer das comunidades tradicionais, tendo em vista a formação de cidadãos mais conscientes sobre as questões socioeconômicas e políticas do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHL, M. Legados Étnicos & Ofertas Turísticas. Curitiba: Juruá, 2004. 138 p.

BARRETTO, M. Cultura e Turismo: discussões contemporâneas. Campinas-SP: Papirus, 2007. 176 p.

BENI, M. C. Análise Estrutural do Turismo. 10ª ed. São Paulo: Senac, 1997. 517 p.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. 2005. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1. Disponível em: <<http://www.journal.ufsc.br/index.php/emtese/article>>. Acesso em 29 abr. 2013.

BORGES, A. A. C. Efeitos de Sentido da Temporalidade: determinação do lugar Indígena. Anais do Seta, v. 5, pp. 18-27, UNICAMP – 2011.

BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. Turismo no Brasil: 2011-2014. Brasília, 2011. 160 p.

_____. ECOTURISMO: Orientações Básicas. 2 ed. Brasília, 2006. 96 p.

BRITO, T. M. Turismo e Povos Indígenas. Anuário da Produção Acadêmica Docente, Valinhos – SP, v. 3 n. 4, pp. 23-36, 2009.

DENCKER, A. F. M. Pesquisa em Turismo: planejamento, métodos e técnicas. 9. ed. São Paulo: Futura, 2007. 355 p.

FARIA, I. F. Ecoturismo Indígena Território, Sustentabilidade e Multiculturalismo: princípios para a autonomia. São Paulo, 204 p. Tese (Doutorado em Geografia Física) - Programa de Pós Graduação em Geografia Física, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2008.

FERREIRA, M.B.R.; HERNANDEZ, M.; CAMARGO, V.R.T.; VON SIMSON, O.R. Jogos Indígenas, Realizações Urbanas e Construções Miméticas. Ciência e Cultura, v. 60, n.4 pp.47-49, 2008.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO – FUNAI. O índio hoje. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/indios>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2012.

GRÜNEWALD, R. A. Os Índios do Descobrimento: tradição e turismo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001. 224 p.

_____. Turismo e Etnicidade. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 141-159, outubro de 2003.

GUIMARÃES, R. G. Turismo em Terras Indígenas já é fato: quem se arrisca? Dialogando no Turismo. Rosa-na, v. 1 n. 1, pp. 15 – 42. Junho de 2006.

GRÜNBERG, G. Devastação e Novos Horizontes na Paisagem Guarani. In: RICARDO, C. A., RICARDO, F. Povos Indígenas no Brasil 2006/2010. Instituto Socioambiental: São Paulo, 2011, 778 p.

HECK, E.; LOEBENS, F.; CARVALHO, P. D. Amazônia indígena: conquistas e desafios. Estudos avançados, v.19, n.53, pp. 237-255. 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo 2010: população indígena. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2194&id_pagina=1>. Acesso em: 27 de dezembro de 2012.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). Povos Indígenas do Brasil. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2013. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kadiweu>> Acesso em: 15 de janeiro de 2013.

IRVING, M. A. Reinventando a Reflexão Sobre Turismo de Base Comunitária: inovar é possível? In: BARTHOLLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (orgs). Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social COPPE/UFRJ, 2009. 508 p.

JESUS, D. L. A Transformação da Reserva Indígena de Dourados-MS em Território Turístico: valorização sócio-econômica e cultural. Dourados, 172 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós Graduação Mestrado em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Dourados, 2004.

JESUS, D. L.; WENCESLAU, M. E. Os Saberes Tradicionais dos Indígenas Kaiowá de Dourados-MS: transformações culturais através do tempo. Ateliê Geográfico, Goiânia-GO v. 5, n. 13, pp.64-84, março de 2011.

_____. Territórios Indígenas Como Cenário Para a Produção Turística em Mato Grosso do Sul, Brasil: o caso do povo Kadiwéu. Tourism & Management Studies - Book of Proceeding - International Conference on Tourism, Algarve, v.1, pp. 619-628, 2011.

LEAL, R. E. S. O Turismo Desenvolvido em Territórios Indígenas sob o Ponto de Vista Antropológico. In: BARTHOLLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (orgs). Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social COPPE/UFRJ, 2009. 508 p.

MARTINS, I. R. S.; COUTINHO, H. R. M. Turismo em Áreas Indígenas. Revista Eletrônica Aboré - Publicação da Escola Superior de Artes e Turismo, Edição 03/2007.

MORAIS, M. J. "Acreanidade": Invenção e Reinvenção da Identidade Acreana. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa Doutorado em Geografia, no Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói - RJ, 2008. 302 p.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do Futuro. São Paulo: Cortez, DF: UNESCO, 2000.

RIBEIRO, D. O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 433 p.

RICARDO, C. A., RICARDO, F. Povos Indígenas no Brasil 2006/2010. Instituto Socioambiental: São Paulo, 2011, 778 p.

SANTANA TALAVERA, A. Antropologia do Turismo: analogias, encontros e relações. Tradução: Eleonora Frenkel Barreto. São Paulo: Aleph, 2009. 234 p.

SILVA, G. J. A Construção Física, Social e Simbólica da Reserva Indígena Kadiwéu (1899-1984): memória, identidade e história. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS, Dourados-MS. 2004.

TRIGO, L.G.G. A Sociedade Pós-Industrial e o Profissional em Turismo. 7ª ed. Campinas: Papyrus, 2003. 251 p.